



ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA PROMOÇÃO À SAÚDE DA CRIANÇA E ADOLESCENTE AUTISTA

EDUCATION STRATEGIES TO PROMOTE HEALTH OF AUTISTIC CHILDREN AND ADOLESCENT

BARBOSA, Ana Jessily Camargo¹

ALMEIDA, Maria de Lourdes de²

SILVA-SOBRINHO, Reinaldo Antonio³

SILVA, Rosane Meire Munhak da⁴

ZILLY, Adriana⁵

RESUMO

O objetivo do presente artigo foi identificar as práticas de ensino voltadas à criança e ao adolescente autista, com foco nas principais estratégias de ensino utilizadas na promoção da saúde. Esse estudo consiste em uma Revisão Integrativa de Literatura acerca dessa temática. Investigaram-se publicações das bases de dados BIREME, Scielo e PubMed, entre 2014 e 2018. Foram encontrados 876 artigos e, após leitura por pares e seleção de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, seis estudos foram submetidos à análise crítica, elencando-se quatro eixos para discussão: I. Intervenção, II. Equipe Multiprofissional, III. Família e cuidadores e IV. Escola e Material didático. Todos os estudos apuram, paralelamente às intervenções, a percepção dos pais sobre a evolução dos filhos, destacando o caráter indissociável das esferas "família", "escola" e "equipe multiprofissional" para o desenvolvimento adequado do indivíduo autista, de modo que os representantes de cada esfera apoiem-se mutuamente.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do espectro autista; Ensino; Promoção da saúde; Instituições de Ensino; Educação especial.

1 Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Foz do Iguaçu, PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7459-5858>. e-mail: anajessily@hotmail.com

2 Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Foz do Iguaçu, PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7547-2991>. e-mail: m_lourdesdealmeida@yahoo.com.br

3 Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Foz do Iguaçu, PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0421-4447>. e-mail: reisobrinho@yahoo.com.br

4 Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Foz do Iguaçu, PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3355-0132>. e-mail: zanem2010@hotmail.com

5 Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Foz do Iguaçu, PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8714-8205>. e-mail: aazilly@hotmail.com



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.61612

ABSTRACT

In this paper we aim to identify teaching practices aimed at children and adolescents with autism, focusing on the main teaching strategies used in health promotion. This study consists of an Integrative Literature Review on this theme. Publications from the BIREME, Scielo and PubMed databases were investigated between 2014 and 2018. So, 876 articles were found and, after reading by peers and selection according to the inclusion and exclusion criteria, six studies were submitted to critical analysis, listing four axes for discussion: I. Intervention, II. Multiprofessional Team, III. Family and caregivers and IV. School and teaching material. All studies, in parallel with the interventions, have the parents' perception of their children's evolution, highlighting the inseparable character of the spheres family, school and multidisciplinary team for the proper development of autism person, so that representatives of each sphere support each other.

KEYWORDS: Autism spectrum disorder; Teaching; Health promotion; Schools; Special education.

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017), estima-se que das 70 milhões de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no mundo, 2 milhões estão no Brasil e uma em cada 88 crianças apresenta traços do espectro, tendo 4,3 vezes maior prevalência em meninos.

A OMS (2017) define o TEA como déficit constante na capacidade de iniciar e sustentar a interação e a comunicação social recíproca, estando acompanhado de padrões comportamentais restritos, repetitivos e inflexíveis. As manifestações costumeiras do TEA são identificadas logo no início do desenvolvimento da primeira infância, todavia os sintomas, muitas vezes, se materializam mais tarde, quando as relações sociais se evidenciam. De acordo com essa classificação, os Transtornos de Neurodesenvolvimento (CID-11), em concordância com o Manual de Saúde Mental- DSM V (APA, 2014), unificam os diagnósticos de Autismo e de outros transtornos relacionados, incluindo Síndrome de Asperger, em um diagnóstico único: Transtorno do Espectro Autista (CID 11- 6A02), com especificações variáveis.

A etiologia do TEA é complexa e Bölte, Girdler e Marschik (2019) destacam sua heterogeneidade clínica e fenotípica, que traduzem um diagnóstico baseado na subjetividade de numerosos critérios, dificultando a compreensão dos mecanismos da doença. O fator genético, para Emberti Gialloreti et al. (2019), demonstra-se como um fator de risco para o TEA, enquanto NEME et al. (2020, p.123) acrescentam que "as evidências apontam para a interação entre os fatores genéticos e ambientais". Fernandes, Tomazelli e Girianelli (2020) reforçam que os marcadores biológicos como fator de



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.61612

antecipação para as manifestações comportamentais do TEA são objetos de pesquisa na atualidade.

Para o TEA existem diversas terapias que podem auxiliar o indivíduo, diminuindo os principais sintomas, permitindo uma melhor qualidade de vida. Diante de sintomas associados como agressividade ou irritabilidade excessiva, comportamento auto lesivo, desatenção, agitação psicomotora, dificuldades de dormir, entre outros sinais incapacitantes. O tratamento farmacológico é direcionado pelo médico, pediatra ou psiquiatra, a fim de minimizá-los (MORALES et al., 2018).

Silva, Araújo e Dornelas (2020) destacam a importância da participação multiprofissional para o correto diagnóstico do TEA, bem como a decisão sobre o tratamento mais adequado. Uma vez que, a integração de psicólogos, psiquiatras neurologistas, fonoaudiólogos e pedagogos é necessária para traçar metas terapêuticas com vistas a habilitar ou reabilitar o indivíduo com TEA.

A educação especial é a variante de ensino atribuída a indivíduos portadores de necessidades educativas especiais no cenário da aprendizagem, independente da origem, seja por deficiência física, sensorial, mental ou múltipla, altas habilidades, superdotação ou talentos. Prevista como dever Constitucional do Estado, tem início na educação infantil, contemplando todos os níveis de ensino (BRASIL, 1999).

O caminhar da educação inclusiva é longo e diversos documentos legais foram publicados com vistas a fortalecer o processo de inclusão no sistema Educacional Brasileiro. A Lei n.º 12.764 institui a "Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista", dispendo sobre a garantia de acesso à educação e ensino profissionalizante, além de sua permanência em classes comuns de ensino regular, com direito a acompanhante especializado, se comprovada necessidade (BRASIL, 2012). Magalhães et al. (2020) destacam que a conquista da consecução dos direitos essenciais a pessoa com TEA se deve à luta familiares e profissionais de saúde e educação.

Nesse panorama, o crescente número de diagnósticos aumenta a demanda por ambientes escolares, incitando a construção de meios eficazes para a inclusão desses alunos (MORO, SILVEIRA, 2020). Dessa forma, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) registrou que 88% dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades matriculados nas escolas, frequentaram classes comuns na em todas as etapas de ensino, com exceção da Educação para Jovens e Adultos (EJA), entre os anos de 2014 e 2018 (BRASÍLIA, 2019).

Sendo assim, a escola apresenta-se como um espaço favorável para trabalhar aspectos de saúde e, diante disso, foi formulado o seguinte problema de pesquisa: "Quais estratégias de ensino estão sendo utilizadas na promoção da saúde da criança e do adolescente autista?". Para isso, esse trabalho teve como objetivo identificar as práticas



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.61612

de ensino voltadas à criança e ao adolescente autista, com vistas para identificar as principais estratégias de ensino utilizadas na promoção da saúde.

MÉTODO

Como metodologia de pesquisa do estudo, ela consiste em uma Revisão Integrativa de Literatura (RIL), utilizando dados coletados em fontes secundárias, mediante levantamento bibliográfico; com estudos publicados entre os anos de 2014 e 2018. Esse método de revisão possibilita fichar os estudos já publicados e obter conclusões a partir de um tema específico (MENDES, SILVEIRA, GALVÃO, 2008).

Ainda segundo os mesmos autores, existem etapas para uma RIL, sendo assim, a primeira fase da pesquisa, consistiu em definir o tema e a seleção da pergunta de pesquisa. Na sequência, foram estabelecidos os critérios de inclusão e exclusão, para delimitar a seleção das publicações.

As bases de dados exploradas foram: National Library of Medicine, National Institutes of Health (PubMed), Scientific Electronic Library Online (Scielo) e Biblioteca Virtual em Saúde (BIREME). Ainda nessa etapa, foram definidos os descritores controlados designados pelos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), sendo eles: Transtorno Autístico, Transtorno do Espectro Autista e Tecnologia em Saúde. Para tal, utilizaram-se os conectores booleanos "AND" (combinação aditiva) e "OR" (combinação restritiva), organizados da seguinte maneira: I. Transtorno Autístico OR Transtorno do Espectro Autista OR Tecnologia em Saúde; II. Transtorno Autístico OR Transtorno do Espectro Autista AND Tecnologia em Saúde; III. Transtorno Autístico AND Transtorno do Espectro Autista AND Tecnologia em Saúde; VI. Transtorno Autístico AND Transtorno do Espectro Autista OR Tecnologia em Saúde.

Foram delimitados como critérios de inclusão para a pesquisa: estudos publicados como artigos científicos; Estudos disponíveis em texto completo; estudos acessíveis em Português, Inglês ou Espanhol; estudos publicados entre os anos de 2014 e 2018; estudos realizados com humanos.

Enquanto os critérios de exclusão para a pesquisa foram resumos em anais, teses e dissertações no mesmo período. Por conseguinte, o armazenamento e gerenciamento dos artigos foram realizados no Excel, para posterior leitura dos títulos e resumos por dois revisores, de maneira independente. Os revisores têm formação na área da saúde, sendo um em enfermagem e outro em biologia, esse compõe o quadro docente desse Programa de Pós-Graduação. Após a leitura e a seleção inicial, os estudos favoráveis à pergunta de pesquisa, passaram por leitura completa, para seleção final da investigação.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.61612

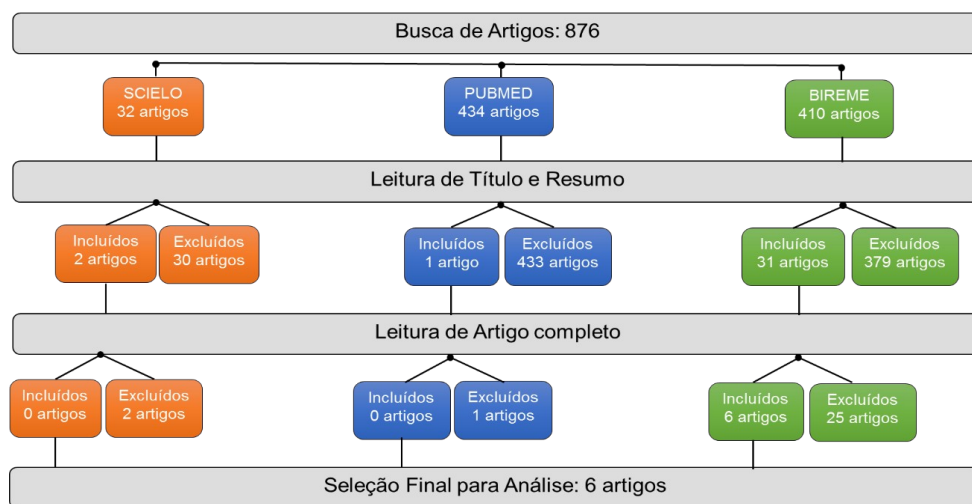
Os estudos designados, conforme o seguimento metodológico, foram alocados para a extração das informações relevantes, para isso, foi elaborado um instrumento contendo os elementos: Identificação (título do artigo, título do periódico, autores, país, idioma e ano de publicação), Objetivos e Categorização do rigor metodológico.

A categorização quanto ao rigor metodológico foi baseada em Noble, Smith, (2015).

RESULTADOS

Após a pesquisa nas bases de dados e a execução das ferramentas de busca, entre janeiro e outubro de 2019, foram obtidos 876 artigos, cuja distribuição ocorreu em 410 estudos na BIREME, 32 na base SCIELO e 434 artigos no PubMed. Com a leitura dos títulos e resumos, realizada por pares, foram excluídos 842 artigos, enquanto 34 foram submetidos à leitura completa. Desses, apenas seis foram designados à leitura detalhada e análise crítica para posterior organização e discussão (Fig. 01).

Figura 1- Fluxograma da seleção de artigos realizadas nas bases BIREME, SCIELO e Pubmed, entre 2014 e 2018.



Fonte: os autores (2020)

A partir da busca dos dados resumidos na figura acima, tivemos como resultado a seleção de 06 artigos que responderam à questão norteadora do estudo, designados pela letra A, elencados e organizados, conforme quadro 02, exposto adiante.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.61612

Fig. 2- Identificação dos 06 artigos selecionados que responderam a pergunta Quais estratégias de ensino estão sendo utilizadas na promoção da saúde da criança e do adolescente autista?, de 2014 e 2018.

ARTIGO	PERIÓDICO ANO	AUTORES	PAÍS	OBJETIVOS	NE*
A1	Revista de Psicologia e Psiquiatria Infantil (2017)	Visser et al.	Holanda	Avaliar os efeitos do Programa "Tackling Teenage Training (TTT) para adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) sobre os aspectos cognitivos (conhecimento psicosexual e visão das fronteiras interpessoais); Investigar os efeitos do Programa TTT sobre as habilidades comportamentais (habilidades sociais necessárias para relações românticas e comportamento sexual positivo).	2
A2	The American Journal of Occupational Therapy (2016)	Suarez-Balcazar et al.	Estados Unidos da América	Implementar e examinar os benefícios de um Programa de Estilo de vida culturalmente adaptado para jovens latinos com deficiência e suas famílias	3
A3	International Journal of Pediatric Dentistry (2017)	Tong et al.	Cingapura	Avaliar se o treinamento pode melhorar o conhecimento de professores sobre saúde bucal; Se a Educação em Saúde Bucal é ensinada para as crianças com TEA; Quais os fatores associados e percebidos pelos professores como obstáculo para a implementação da Educação em Saúde Bucal.	3
A4	Journal of Autism and Developmental Disorders (2016)	Popple et al.	Estados Unidos da América	Avaliar a eficácia e viabilidade de uma intervenção para escovação dentária utilizando modelagem de vídeo, para crianças com TEA.	2
A5	BMC Psychiatry (2015)	Visser et al.	Holanda	Descrever o protocolo de um estudo randomizado controlado, o Tackling Teenage Training (TTT).	2
A6	Journal of Autism and Developmental Disorders (2015)	Dekker et al.	Holanda	Avaliar sistematicamente se o conhecimento psicosexual aumentou após a participação no programa TTT em adolescentes com TEA.	2

Fonte: os autores (2020).

NE*: Nível de Evidência

A partir desses achados, quatro categorias foram classificadas para a discussão dos artigos selecionados: Intervenção, Equipe Multiprofissional, Participação da família e cuidadores e Escola e Material Didático, elencadas de acordo com os conteúdos identificados nos artigos, que se alinhavam em repetição e/ou harmonia.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.61612

A seguir, cada uma das categorias será discutida de acordo com os achados dessa pesquisa e embasados na literatura.

DISCUSSÃO

CATEGORIA INTERVENÇÃO

Otoni e Maia (2019), apontam que a sociedade entende que o desenvolvimento sexual do ser humano é um aprendizado natural, concebido a partir da observação dos pares e da busca de informações e como observado, a educação psicosssexual é abordada pelos estudos A1, A5 e A6 ao descreverem intervenções para adolescentes com TEA. Nesse contexto, destaca-se a importância de programas com disposição para discutir esse tema com pessoas com TEA.

Tilio (2017) destaca que os aspectos psicosssexuais do indivíduo com TEA devem ser discutidos também com os familiares e cuidadores, uma vez que esses estão envolvidos em seu processo de desenvolvimento, corroborando com as intervenções realizadas pelos estudos A1, A5 e A6. Dessa forma, oportunizar programas educacionais e de saúde sobre sexualidade, contribui para a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos do indivíduo com TEA, representando importante questão para a saúde individual e coletiva.

Ações de promoção da saúde bucal são retratadas nos estudos A3 e A4, Sant'anna, Barbosa e Bru (2017) salientam a importância da prevenção para a adequada saúde bucal da criança com TEA. Em concordância, Lopes Cazaux (2019) acrescenta que, além de estratégias diferenciadas e adaptadas durante o atendimento odontológico, para melhor qualidade de vida do indivíduo com TEA, faz-se necessária a implementação de medidas preventivas precocemente e de maneira ampla, como a apresentada no estudo A4.

Lord et al. (2020) destacam a importância da intervenção precoce nas crianças com TEA, uma vez que, nos anos pré-escolares, a criança possui maior plasticidade cerebral, trazendo benefícios adicionais ao processo de comunicação e interação. Já Amaral et al. (2018) evidencia a necessidade de abordagens individualizadas acerca da assistência em saúde bucal para os indivíduos com TEA, uma vez que essa é uma condição manifesta com peculiaridades, de modo a conquistar estratégias adaptadas eficazes à promoção da saúde nesse público. Estratégias essas, como a demonstrada pelo estudo A3.

Outro estudo analisou prontuários de pacientes com deficiência, identificando que 70,6% (n=12) dos indivíduos com TEA possuíam cárie, 11,8% (n=2) apresentavam higiene oral deficiente e 52,9% (n=9) tártaro. Em relação aos procedimentos realizados aos pacientes com TEA, 64,7% (n=11) foram medidas profiláticas, enquanto 82,4%



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.61612

(n=14) receberam instruções de higienização bucal. Em vista disto, ressalta-se a importância da adoção de estratégias de prevenção de saúde bucal, através do envolvimento da família e toda a sociedade, uma vez que a população com deficiência encontra dificuldades para tratamentos odontológicos eletivos (NUNES et al., 2017). Esses desfechos vão ao encontro dos resultados demonstrados pelas intervenções dos estudos A3 e A4.

Com relação à promoção da saúde, através da prática de atividade física, demonstrada no estudo A2, Krüger et al. (2018), cuja pesquisa aplica um programa com 14 sessões, com duração de 50 minutos cada, para crianças com TEA e seus familiares evidenciam que a prática de atividades físicas em diferentes ambientes, pode acarretar benefícios para a adoção de um estilo de vida saudável para essa população. Ainda, Garcia-Gómez et al (2020) apontam para melhorias na qualidade de vida e padrão de sono de adolescentes com TEA, ao serem submetidos a atividade de caminhada durante o período escolar, com regularidade de 3 vezes na semana durante 30 dias.

O estímulo à prática de atividades físicas é fundamental para desfrutar de boa saúde, todavia os jovens com deficiência são altamente sedentários, fator que contribui para o aumento do risco de problemas relacionados à saúde. Sendo assim, torna-se necessário que sejam criadas estratégias e intervenções que estimulem a prática de atividade física, em especial para os jovens com TEA, que demonstraram maior tempo de sedentarismo nas investigações de Lobenius-Palmér et al. (2018).

As ações de promoção da saúde organizadas em sessões com tempo pré-estabelecido e programadas com repetição semanal, demonstram-se favoráveis no desenvolvimento da qualidade de vida da criança ou adolescente com TEA, conforme destacado por Mota, Vieira e Nuernberg (2020).

Ainda de acordo com esses autores, existem quatro diretrizes para o desenvolvimento de programas de intervenção precoce para o indivíduo com TEA, a primeira representa a intervenção precoce de modo a minimizar o intervalo entre o diagnóstico e o tratamento. A segunda diretriz apresentada é a oferta de intervenção intensiva e sistemática, ou seja, a proposição de ações terapêuticas com 3 a 4 horas por dia, minimamente. Já a terceira orientação dos autores é presença e envolvimento dos familiares na terapia, enquanto a quarta diretriz é o processo avaliativo das intervenções em busca da atualização dos objetivos terapêuticos, dados esses corroborados pelos achados desse estudo.

**CATEGORIA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL**

Como decorrência do presente estudo de todas as ações detalhadas, observa-se que a atuação de diferentes profissionais são necessidades evidenciadas. Dessa forma, a atuação multiprofissional representa a integração de diferentes profissões a fim de alcançar a integralidade do cuidado. Fernandes, Gallette e Garcia (2018) dissertam sobre a importância da atuação de uma equipe multiprofissional capacitada para o desenvolvimento de intervenções efetivas para o indivíduo com TEA, considerando o grau de comprometimento de cada um. Sendo assim, o processo de ensino é construído a partir de diferentes domínios terapêuticos, como: psicologia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, fisioterapia, enfermagem, nutrição e aprendizagem pedagógica.

Vieira et al. (2018) salientam que os prejuízos no relacionamento interpessoal da criança com TEA estão relacionados ao seu grau de comprometimento e, portanto, é imprescindível a atuação de uma equipe multiprofissional, com aporte teórico suficiente para a assistência adequada. Uma vez que esses representam sujeitos capazes de estimular a promoção do autocuidado, bem como a autonomia do indivíduo com TEA, ao proporcionarem um ambiente propício para o desenvolvimento da aprendizagem. Essa atuação pode ser encontrada nos estudos A1, A5 e A6.

D'Alessandro e Sampaio (2018) acrescentam que o direito de acesso a assistência terapêutica pelo SUS precisa ser garantido. Todavia, Souza et al. (2019) ressalta dificuldades de encontrar profissionais preparados para atuação, em especial, na rede pública.

CATEGORIA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA E CUIDADORES

Quanto às intervenções apoiadas por membros da família, elas são apresentadas nos estudos A1, A2, A4, A5 e A6, demonstrando a importância da participação desses sujeitos no desenvolvimento terapêutico do indivíduo com TEA. Mello (2017) reforça que a família representa a primeira instituição cuja criança tem acesso na sociedade, influenciando a sua participação social.

Hofzmann et al. (2019) acrescentam que pais de crianças diagnosticadas com TEA vivenciam variados sentimentos, tais como: sobrecarga, frustração, sofrimento, negação, aceitação, sentimento de impotência e isolamento social. Todavia, ressaltam que, apesar dos desafios atrelados ao diagnóstico, a aceitação depende da dinâmica familiar de cada um.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.61612

Nascimento et al (2018) destacam que para que os objetivos traçados no projeto terapêutico da criança com TEA sejam alcançados, a família deve ser encorajada a dar continuidade ao cuidado, uma vez que sua participação, auxilia e facilita as ações de bem-estar do paciente. Todavia, barreiras como a falta de conhecimento sobre o TEA dificultam a aceitação do diagnóstico, bem como a adesão ao tratamento, além de contribuir para o esgotamento emocional familiar.

Uma investigação sobre a experiência de familiares no convívio de crianças com TEA registrou que as demandas de cuidado associadas ao diagnóstico, impactam o domínio financeiro da família, causando inquietações relacionadas aos gastos com tratamento e renúncias às atividades profissionais. No entanto, o maior envolvimento familiar e a consequente participação direta ao cuidado, propicia a valorização de pequenos avanços e evoluções no tratamento (HOFZMANN et al., 2019).

Carmo, Zanetti e Santos (2019) também apontam para as variáveis econômicas como fator de influência sobre o desenvolvimento infantil no TEA e acrescenta que o ambiente familiar pode afetar de maneira positiva ou negativa os resultados terapêuticos. Contudo, as variáveis do ambiente familiar podem ser alteradas, diante do auxílio profissional e social. Sendo assim, a união entre os pais, familiares, equipe de saúde, educadores e toda a rede de suporte da criança com TEA é de extrema importância, de modo a manterem o alinhamento dos objetivos terapêuticos, maximizando os recursos disponíveis em busca de avanços no seu desenvolvimento (LORD et al., 2020).

Esses avanços no desenvolvimento da criança ou adolescente com TEA demonstram a eficácia dos programas de intervenção, podendo ser identificados através de evoluções nas áreas cognitivas, bem como mudanças na linguagem e no aspecto comportamental adaptativo e das habilidades sociais de cada um (MOTA; VIEIRA; NUERNBERG, 2020).

CATEGORIA ESCOLA E MATERIAL DIDÁTICO

Sobre o ambiente escolar, como apresentado no estudo A3, os professores são os sujeitos da pesquisa, para a investigação da sua prática docente diante da promoção da saúde à criança com TEA. Nesse sentido, a escola representa um ambiente oportuno para o desenvolvimento de ações de promoção à saúde. Todavia, Rios (2017) acrescenta que a inclusão do aluno com TEA esbarra nos desafios atrelados às estereotípias, como a interação social com os demais alunos e seu processo de aprendizagem.

A inclusão do aluno com TEA ao ambiente educacional comum propicia avanços significativos no desenvolvimento de suas habilidades cognitivas, cujos resultados



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.61612

alcançam as esferas sociais, motoras e emocionais. Entretanto, a desqualificação dos profissionais, o acesso ao atendimento educacional especializado e a proposição de um plano pedagógico individual, representam barreiras para o processo eficiente de inclusão. Dessa forma, a atuação paralela a outros profissionais especializados e familiares, não deve restringir-se a orientações aos professores, mas contemplar práticas de elaboração conjunta aos materiais a serem utilizados, de acordo com a demanda individual de cada aluno (CAMPOS; SILVA; CIASCA, 2019).

Mota, Vieira e Nuernberg (2020) destacam que a escolha do ambiente a ser desenvolvida a intervenção depende das possibilidades de aplicação da terapêutica, sendo assim, o ambiente escolar é oportuno para as ações de intervenção precoce, seja por profissionais especializados da área da saúde ou educação, ou pais treinados para tal.

Campos, Silva e Ciasca (2019) apontam para o caráter individual na construção do conhecimento, que, muitas vezes, são incompatíveis com as propostas de inclusão escolar da atualidade. Logo, conhecer o perfil dos educadores que atuam na inclusão de crianças com TEA, compreendendo suas concepções e práticas em sala de aula são relevantes, pois o professor é o mediador do processo de ensino e aprendizagem dos alunos (ADURENS; VIEIRA, 2018). Essa concepção pôde ser compreendida no estudo A3.

De Souza et al. (2019) investigaram Profissionais de Apoio Educacional Especializado (PAEE) em Foz do Iguaçu-PR que atuam com alunos com TEA e demonstraram que nenhum dos professores possuía graduação em Educação Especial, porém eram pós-graduados na área e experientes na atuação com educação especial. Schmidt, Ramos e Bittencourt (2019) acrescentam que a complexidade do TEA requer dos educadores a formação continuada.

Aos professores é necessário olhar acurado para as estereotípias do TEA, de modo a perceber e interpretar subjetivamente o comportamento do aluno, forma, torna-se possível propor intervenções adequadas. Ainda, o educador com formação acadêmica de qualidade, está propenso a ter maiores expectativas para a aprendizagem do aluno, dispendendo maior tempo para suas dificuldades afetivas e pedagógicas, segundo De Souza et al. (2019).

Em relação à utilização de materiais de apoio para desenvolver as ações de promoção da saúde, os estudos A1, A4, A5 e A6 apresentaram a modalidade de "vídeo" como componente de suas intervenções. Oliveira et al. (2019) traz reflexões acerca do uso de ferramentas para o ensino-aprendizagem de crianças com TEA, em que os materiais didáticos ajudam na aprendizagem dos conteúdos apresentados, além de contribuir para o desenvolvimento dos pensamentos.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.61612

O uso de materiais didáticos e a busca de atividades lúdicas no ambiente escolar permitem ao aluno a vivência de problemas cotidianos através de jogos planejados e livres, estimulando a criança a desenvolver atividades físicas e mentais, beneficiando as relações sociais, afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais e linguísticas (OLIVEIRA et al., 2019).

Estratégias de ensino que envolvam a mediação dos colegas da turma, por exemplo, também demonstraram benefícios nas modalidades de socialização e aprendizagem, em investigação de Schmidt, Ramos e Bittencourt (2019), além de aumentar a interação entre o aluno com TEA e os colegas e a participação e envolvimento nas atividades pedagógicas desenvolvidas em sala.

Por fim, o sucesso do processo de inclusão do aluno com TEA está diretamente associado à compreensão da importância dos esforços multiprofissionais, educacionais e familiares proporcionando uma rede de apoio ao processo de ensino eficiente (CAMPOS; SILVA; CIASCA, 2019). A rede de apoio é definida por Sluzki (2003), idealizador da "Teoria das Redes Sociais", como a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as evidências aqui demonstradas, sessões para discussão sobre temas como sexualidade e comportamento adequado, apoiado por profissionais especializados, podem auxiliar no desempenho social da criança ou adolescente com TEA. Ainda, traçar metas semanais a partir de assuntos previamente discutidos auxilia na sua adaptação e desenvolvimento do comportamento social. Outra estratégia apresentada para a promoção da saúde é a utilização da modelagem de vídeo e outras modalidades tecnológicas, baseadas na repetição da ação, que estimulem e desafiem a criança a reproduzir o comportamento de saúde. Ainda, a promoção da saúde através da atividade física, em especial, aquela cuja criança e o familiar ou cuidador participe e tenha maior afinidade, representa um método eficaz.

Desta maneira, considerando a complexidade do TEA, é imprescindível que os atores que compõem essa rede de apoio relacionem-se mutuamente, de modo que as ações de cuidado (seja educacional, terapêutica ou familiar) desenvolvam-se de modo contínuo e indissociável.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.61612

Poucos estudos sobre estratégias de ensino em promoção a saúde para criança com TEA foram encontrados, espera-se que através das evidências aqui descritas, seja encorajado o desenvolvimento de novas investigações acerca dessa temática, em especial no Brasil.

REFERÊNCIAS

ADURENS, F. D. L.; VIEIRA, C. M. Concepção de Professores Sobre a Inclusão do Aluno com Autismo: Uma Pesquisa Bibliográfica. *Cadernos de Pós-graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, São Paulo, v. 2, n. 18, p. 94-124, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpdd/v18n2/v18n2a07.pdf>. Acesso em: 05 Jun 2020.

AMARAL, L. D. et al. Atendimento Odontológico a Pacientes com Autismo: Diretrizes de Gestão Clínica. *Revista Brasileira de Odontologia*, v. 75, p. 1-5, 2018. Disponível em: <http://www.revista.aborj.org.br/index.php/rbo/article/view/1367>. Acesso em: 24 Dez 2020.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais- DSM-5*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BÖLTE, S.; GIRDLER, S.; MARSCHIK, P. B. The contribution of environmental exposure to the etiology of autism spectrum disorder. *Cellular and Molecular Life Sciences*, n. 76, p. 1275-97, 2019. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00018-018-2988-4>. Acesso em: 15 Jul 2021.

BRASIL. DECRETO n.º 3.298, de 20 de dezembro de 1999. *Regulamenta a Lei n.º 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências*. Diário Oficial, Brasília, 20 de dezembro de 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtornos do espectro do autismo (TEA)*. Brasília, DF, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 07 Out 2018.

BRASILIA. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Resumo Técnico: Censo da Educação Básica 2018*. Diretoria de Estatísticas Educacionais- DEED. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019.

CAMPOS, C. C. P.; SILVA, F. C. P.; CIASCA, S. M. M. Expectativa de Profissionais da Saúde e de Psicopedagogos sobre Aprendizagem e Inclusão Escolar de Indivíduos Com Transtorno do Espectro Autista. *Revista psicopedagogia*, São Paulo, v. 35, n. 106, p. 3-13, 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862018000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 Jan. 2021.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.61612

CARMO, M. A.; ZANETTI, A. C. G.; SANTOS, P. L. O Ambiente Familiar e o Desenvolvimento da Criança com Autismo. *Revista de Enfermagem da Ufpe*, Recife, v. n. 13, p. 206-15, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/237617/31156>. Acesso em: 27 Dez 2019.

D'ALESSANDRO, A. C. F. S.; SAMPAIO, V. S. Autismo: Diagnóstico, Intervenção Precoce e Atuação do Ministério Público em Araguaína. *Revista Jurídica*, n. 16, p. 29-58, 2018. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_boletim/bibli_bol_2006/Rev-Juridica-MP-TO_n.16.pdf#page=29. Acesso em: 26 Dez 2019.

DE SOUZA, A. S. et al. Discurso dos Professores do Apoio Educacional Especializado Sobre Inclusão de Alunos Com Transtorno Do Espectro Autista. *Revista Sustinere*, v. 7, n. 1, p. 73-95, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/37683/30128>. Acesso em: 02 Fev 2020.

EMBERTI GIALLORETI, L. et al. Risk and Protective Environmental Factors Associated with Autism Spectrum Disorder: Evidence-Based Principles and Recommendations. *Journal of clinical medicine*, v. 8, n. 2, p. 217, 2019. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2077-0383/8/2/217>. Acesso em: 15 Jul 2021.

FERNANDES, A. F. F.; GALLETE, K. G. C.; GARCIA, C. D. A importância do cuidado de enfermagem diante do paciente com espectro autista. *Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa*, [S.l.], v. 33, n. 65, p. 33-44, 2018. Disponível em: <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/89>. Acesso em: 02 Jul 2021.

FERNANDES, C. S.; TOMAZELLI, J.; GIRIANELLI, V.R. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. *Psicol. USP*, v. 31, e200027, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642020000100234&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 Dez 2020.

GARCÍA GÓMEZ, A. et al. Actividad física y sueño en un grupo de tres adolescentes con autismo (Physical activity and sleep in a group of three teenagers with autism). *Retos*, v. 38, n. 38, 248-54, 2020. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/article/view/74586>. Acesso em: 17 Jul 2021.

HOFZMANN, R. R. et al. EXPERIÊNCIA DOS FAMILIARES NO CONVÍVIO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA). *Enferm. Foco*, v. 2, n. 10, p. 64-9, 2019. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1671/521>. Acesso em: 05 Jan 2021.

KRÜGER, G. R. et al. O efeito de um programa de atividades rítmicas na interação social e na coordenação motora em crianças com transtorno do espectro autista. *Rev. Bras. Ati. Fis. Saúde*, v. 23, n. 43, p. 1-5, 2018. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/12414>. Acesso em: 10 Ago 2021.

LOBENIUS-PALMÉR, K. et al. Accelerometer-Assessed Physical Activity and Sedentary Time in



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.61612

Youth With Disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly*, v. 35, n. 1, p. 1-19, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29072484/>. Acesso em: 10 Jul 2021.

LOPEZ CAZAUX, S. et al. Toothbrushing training programme using an iPad® for children and adolescents with autism. *European Archives of Paediatric Dentistry*, v. 20, n. 3, p. 277-84, 2019. Disponível em: <http://search-ebshost-com.ez89.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=ddh&AN=136558530&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 27 Dez 2020.

LORD, C. et al. Autism spectrum disorder. *Nature reviews Disease primers*, n. 6, v. 1, p. 5, 2020. Disponível em: <https://hal-pasteur.archives-ouvertes.fr/pasteur-02445082/document>. Acesso em: 02 Ago 2021.

MAGALHAES, J. M. et al. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. *Enferm. glob.*, v. 19, n. 58, p. 531-59, 2020. Disponível em: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1695-61412020000200017&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 19 Out 2020.

MELLO, C. A. Atendimento Educacional Especializado para o Estudante com Autismo. In: DIAS, R. B.; BRAGA, P. G.; BUYTENDORP, A. A. B. M. (org.). *Educação Especial e autismo*. Campo Grande, MS: Perse, 2017.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVAO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Rev Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-64, 2008.

MORALES, P. C. M. et al. Transtorno do Espectro Autista. In: ZILLY, A.; SILVA, R. M. M. (Org.). *Genética de Doenças Raras e Promoção do Cuidado Interdisciplinar*. Porto Alegre: Unioeste: Evangraf. p. 183-200, 2018.

MORO, R. A. D.; SILVEIRA, G. EDUCAÇÃO TERAPÊUTICA: TRATAMENTO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) A PARTIR DA INCLUSÃO ESCOLAR. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, v. 9, n. 1., 2020. Disponível em: <https://www.revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/292/174>. Acesso em: 17 Jul 2021.

MOTA, A.; VIEIRA, M.; NUERNBERG, A. Programas de intervenções comportamentais e de desenvolvimento intensivas precoces para crianças com TEA: uma revisão de literatura. *Revista Educação Especial*, v. 33, e. 12, p. 1-27, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/41167>. Acesso em: 30 Jul 2021.

NASCIMENTO, Y. C. M. L. et al. Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia Saúde da Família. *Rev baiana enferm*, v. 32, e25425, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/25425>. Acesso em: 22 Jun 2021.

NEME, G.; RODRIGUES, C. S.; ROCHA, C. F.; RULLO, V. E. V. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E METAIS PESADOS: UMA REVISAO INTEGRATIVA DE LITERATURA. *UNILUS Ensino e Pesquisa*, v. 17, n. 46, 2020. Disponível em: <http://revista.lusiada.br/index.php/ruep/article/view/1241/u2020v17n46e1241>. Acesso em: 17 Nov 2020.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.61612

NOBLE, H.; SMITH, J. Issues of Validity and Realibility in Quantitative Research. *Evid. Based Nurs.* v. 18, n. 2, p. 34-5, 2015. Disponível em: <https://ebn.bmj.com/content/ebnurs/18/2/34.full.pdf>. Acesso em: 2 Dez 2019.

NUNES, R. et al. Prevalência de alterações bucais em pessoas com deficiência na clínica da Universidade do Extremo Sul Catarinense. *Rev. Odontol. Univ.*, v. 29, n. 2, p. 118-28, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/revistadaodontologia/article/view/270>. Acesso em: 12 Dez 2020.

OLIVEIRA, A. P. L. et al. A Utilização de Material Didático para Alunos com Autismo: uma Proposta Pedagógica. *Revista Psicologia & Saberes*, v. 13, n. 8, p. 143-55, 2019. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1147>. Acesso em: 17 Jan 2020.

Organização Mundial Da Saúde. *Transtornos do Espectro do Autismo*. Nota Descritiva, 2017. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/autism-spectrum-disorders/es/>. Acesso em: 28 Mar 2019.

OTTONI, A. C. V.; MAIA, A. C. B. Considerações sobre a sexualidade e educação sexual de pessoas com transtorno do espectro autista. *Revista Ibero-americana de Estudos em Educação*, v. 14, n. 2, p. 1265-283, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12575>. Acesso em: 20 Jan 2021.

RIOS, C. "Nada sobre nós, sem nós"? O corpo na construção do autista como sujeito social e político. *Revista latino-americana Sexualidad, Salud y Sociedad*. n. 25, p. 212-30, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872017000100212&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 20 Jan 2021.

SANT'ANNA, L. F. C.; BARBOSA, C. C. N.; BRU, S. C. Atenção à saúde bucal do paciente autista. *Revista Pró-UniverSUS*, v. 8, n. 1, 2017. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/533>. Acesso em: 05 Jan 2020.

SCHMIDT, C.; RAMOS, F. S.; BITTENCOURT, D. D. Intervenção mediada por pares como prática pedagógica para alunos com autismo. In: PAVÃO, A. C. O.; PAVÃO, S. M. O. *Práticas Educacionais Inclusivas na Educação Básica*. Santa Maria: Facos-ufrsm, 2019. p. 89-104. Disponível em: <https://www.ufrsm.br/orgaos-executivos/caed/wp-content/uploads/sites/391/2018/12/Educa%C3%A7%C3%A3o-B%C3%A1sica.pdf#page=89>. Acesso em: 09 Jan 2020.

SILVA, A. F.; ARAÚJO, M.; DORNELAS, R. A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. *Psicologia & Conexões*, v. 128, n. 01, p. 1-32, 2020. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/psicologiaeasconexoes/article/view/7738/47966613>. Acesso em: 05 Ago 2021.

SLUZKI, C.E. *A Rede Social na Prática Sistêmica: Alternativas terapêuticas*. Casa do Psicólogo, 2 ed, São Paulo, 2003.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.61612

TILIO, R. Transtornos do Espectro Autista e Sexualidade: um relato de caso na perspectiva do cuidador. *Psicologia Conoc. Soc.*, v. 7, n. 1, p. 36-58, 2017. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-70262017000100036&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 27 Dez 2020.

VIEIRA, B. C. et al. A CRIANÇA COM TRANSTORNO GLOBAL DO DESENVOLVIMENTO AUTISMO: A ATUAÇÃO DA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL DE UMA INSTITUIÇÃO ESPECIALIZADA. *Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde*. v.7, n. 1, p. 277, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/ries/article/view/1223>. Acesso em: 27 Dez 2020.

Recebido em 11 de agosto de 2021

Aceito em 20 de setembro de 2022



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) está disponibilizada sob uma Licença *Creative Commons - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.

Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento *Creative Commons* adotado pela revista.